

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PRÁTICAS ALFABETIZADORAS O QUE TEM POR DENTRO E POR FORA DESSA BOLA CHAMADA PLANETA TERRA?

Data de submissão: 12/08/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Cristiane Barroso Dias

Pedagoga pela UFF, Mestranda pela UERJ/FFP, com especialização em “Profissionais da escola e as Práticas Curriculares” (UFF) e em Psicopedagogia (UNIPLI). Orientadora Educacional, município de Maricá. Prof^o Inspetora Escolar pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro

Érica Cristina de Melo R. Gentil

Pedagoga pela UNIRIO, com especialização em Alfabetização das crianças das classes populares (UFF) e Professora Alfabetizadora da rede de Ensino do município de Maricá/RJ

Nilda da Silva Nogueira

Pedagoga pela UNESA, Mestranda pela UERJ/FFP, com especialização em Psicopedagogia (UNIPLI). Professora pela Fundação Municipal de Educação de Niterói/RJ

RESUMO: O presente relato tem como objetivo compartilhar práticas alfabetizadoras construídas com as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vereador Levy Carlos Ribeiro, situada no bairro São José do

Imbassaí, município de Maricá, estado do Rio de Janeiro, cujo desdobramento é a ampliação dos processos de alfabetização das crianças das classes populares no ano letivo de 2022. No início deste ano escolar todas as professoras se reuniram para pensar a proposta de ação sugerida pela Secretaria de Educação: o Centenário de Darcy Ribeiro: “Somos um Povo novo”.

Homenagem a Darcy Ribeiro grande idealizador de práticas democráticas para a educação pública e gratuita de qualidade no Brasil, que defendia a escola de tempo integral. De forma coletiva, os docentes decidiram trazer a temática da rede de escolas de Maricá para a realidade da escola Levy Ribeiro: “Somos um Levy Novo”. Dessa forma as Professoras que ocupavam a Orientação da escola sugeriram que cada docente ouvisse as crianças para que o projeto de ensino fosse o projeto de vida de cada classe. A maioria das professoras regentes acolheu a orientação da equipe pedagógica e assim exercitaram a arte de ouvir a criança. Portanto, a narrativa contada busca ouvir as vozes das crianças para potencializar o processo subjetivo de aprender a ler e escrever no mundo pós-pandemia de COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; pós

pandemia; Orientação Educacional; narrativa; roda de conversas.

1 | INTRODUÇÃO

Tem mais presença em mim o que me falta.

Manoel de Barros

A roda de conversas é uma prática diária que nasceu na educação infantil, nesse espaço de educação, e permaneceu nos anos iniciais do ensino fundamental devido ao seu teor de importância cognitiva, linguística e, principalmente, social. A relação dialógica entre a Orientadora Educacional e a Professora Regente da classe da alfabetização no ano letivo de 2022, vem propor através desta narrativa, o encontro de pensares e práticas que tem na criança o protagonismo do seu saber. Foi acreditando nas rodas de conversas como exercícios de dizer e de escutar com as crianças que o processo de alfabetização foi acontecendo ao longo do ano e se tornando real para as mesmas e seus familiares, mudando o mundo de cada criança e construindo novas possibilidades através da cultura e do saber em potencial. E muitas habilidades estão em jogo: explicar, relatar, descrever, argumentar, perguntar e considerar a narrativa do outro e a sua própria. Quantas aprendizagens!

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a roda de conversas é uma situação privilegiada de diálogo e intercâmbio de ideias para as crianças e para todos e todas que participam.

Por isso nos cabe, como ato político democrático narrar o que aconteceu nesse recomeço de vida pós-pandemia na classe de alfabetização da Escola Municipal Vereador Levy Carlos Ribeiro em Maricá, Rio de Janeiro.

2 | A CONVERSA NA CLASSE DO 1º ANO

Durante uma de nossas rodas de conversas na primeira semana de aula presencial, (porque iniciamos o ano letivo de 2022 de forma remota) as crianças foram estimuladas a pensarem sobre o que gostariam de aprender ao longo do ano letivo, foi um processo inicialmente difícil, pois as crianças não estavam habituadas a dizerem. Após um tempo investido, nasceu uma lista de assuntos nos quais as crianças gostariam de aprender em 2022 segundo suas vozes. Criamos, de uma forma sensível e coletiva, um “documento” em forma de lista que foi apelidado de “Currículo Paralelo”, pois precisaria ser vivido em concomitância com o Currículo oficial da alfabetização do município em destaque. Portanto, decidimos registrar tudo em uma cartolina para garantir que todos os assuntos, ou pelo menos aqueles que mais foram evidenciados pelas crianças, pudessem nortear o processo de alfabetização ao longo desse ano letivo, possibilitando uma alfabetização significativa.

O primeiro item da lista foi aprender a ler e escrever, o segundo item foi conhecer

mais sobre os planetas e o universo. A Professora considerou fascinante as crianças chegarem ao primeiro ano com essas expectativas, desejando aprender a ler e escrever, porque geralmente, aos olhos dos adultos, esse desejo pode ser construído no decorrer dos meses.

Ainda durante esta roda de conversas, as crianças começaram a falar sobre os planetas e o que já sabiam sobre esse assunto, logo em seguida fizeram várias perguntas à Professora. Nem todas as perguntas tiveram respostas e foi exatamente isso que nos moveu: as perguntas sem respostas, elas é que movem o mundo. Resolvemos então, começar a pesquisar sobre os planetas do nosso Sistema Solar e outros enigmas do universo. Num segundo momento, foi feito um levantamento do que eles já sabiam sobre esse assunto e registrado o que meninos e meninas queriam saber. Esses questionamentos deram o pontapé para as pesquisas e descobertas.

A partir de então, diversos vídeos, músicas e muitas, muitas histórias sobre o universo, os planetas e o sistema solar geraram textos geradores, que impulsionam palavras geradoras e sílabas. Círculos contínuos de aprendizagens entre crianças e a alfabetização aconteceram nessa sala de aula como pressupostos para o aprender.

Acreditamos no ensino da língua de forma significativa e sistemática, acompanhado de uma pedagogia que busca na pesquisa o despertar da ludicidade e de seu uso social, para que o prazer da leitura e da escrita se instale no cotidiano da alfabetização, por isso trazemos Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele)... Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma, transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo. (2002, p.11).

A partir dessa leitura de mundo, do mundo das crianças, o interesse nasceu para as práticas alfabetizadoras que promoveram e ainda estão promovendo, a ampliação do processo subjetivo da alfabetização crítica de mundo e da palavra.

Lista de palavras, de frases, e de textos coletivos; confecção de um foguete, de um telescópio e do sistema solar com material reciclado; diversos gêneros textuais (reportagens, documentários, músicas e textos informativos) foram vivenciados concretamente pelas crianças, provocando novas reflexões e descobertas sobre o tema. Nesse momento, Corsino dialoga a cerca dessa possibilidade de aprender e ensinar de forma harmônica e contextual:

Pensar o letramento de forma crítica significa situá-lo no tempo e no espaço, pois é num contexto e nas inter-relações sociais que a língua é falada, vivida, pensada, difundida e construída. Na sociedade moderna, urbana e letrada, a língua escrita está presente em quase todos os lugares. Mas, os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada, eles penetram na corrente da

comunicação verbal (Bakhtin, 1992, p.108). Ao penetrarem na corrente, estão mergulhando na língua com todas as suas possibilidades. Porém, no início desse mergulho, muitas diferenças já se impõem... (2003, p.96)

O envolvimento da criança que pensa, fala e vive o mundo está nessa proposta de trabalho pedagógico cheia pela possibilidade de aprender de acordo com o seu saber construído e em construção. E isso é evidenciado através das falas das famílias, que comprovam que as crianças estavam mergulhadas no desejo de descobrir onde vivem nesse planeta chamado Terra.

3 | E A PESQUISA CONTINUA CRESCENDO TANTO...

Ao pesquisarmos sobre o início da vida em nosso planeta Terra, surgiu um novo assunto: os dinossauros, mais um motivo de curiosidade epistemológica para a prática de pesquisa das crianças dessa classe de alfabetização. Estamos fazendo ciência no 1º ano do Ensino Fundamental! Na oportunidade, a Professora levou bebês dinossauros para sala de aula, aqueles de hidrogel que crescem quando mergulhados na água. As crianças acompanharam o crescimento e escreveram os nomes dos bebês dinossauros através da pesquisa envolvendo o seu formato e o seu nome científico. Assim as crianças escreveram as palavras pesquisadas munidas de curiosidade e necessidade real do registro escrito, um momento único.

Descobrimos um alfabeto de dinossauros de A a Z e fizemos um chá revelação onde cada um pôde descobrir de que espécie era o seu bebê dinossauro e depois cada criança levou o seu dinossauro para casa, pois ele estava grande demais para continuar na sala de aula. Outras turmas da escola visitaram a nossa sala de alfabetização para conhecer o Berçário dos Dinossauros, enquanto aprendíamos mais sobre as características desses seres.

Dessa forma, nosso Projeto sobre os planetas e os dinossauros, se desenvolveu junto com o despertar para a leitura das palavras. Cabendo então nesse momento a fala de uma mãe sobre o que estava acontecendo na escola e na vida:

Gostaria de dizer que minha filha está lendo e escrevendo e isso é muito lindo, mas o que eu percebo é que a leitura aconteceu de forma natural e nela há uma curiosidade constante pelo Planeta Terra, digo isso porque quando fomos escolher o presente para a Professora no dia dela, Mariah só queria dá presente que estivesse relacionado com o assunto Planeta, ela dizia que a Professora ia gostar, até que compramos duas pulseiras feitas manualmente por uma artesã em região praiana com destaques para o mar do Planeta Terra. Também teve uma outra situação envolvendo a escolha de filme para ser visto no feriado e Mariah escolheu um filme que explicava a feitura de um foguete, ou seja, percebo que ela está totalmente envolvida pela escola. (Cristiane, mãe de Mariah, 2022)

O assunto escolhido coletivamente pelas crianças no início de ano letivo despertou

o interesse das mesmas, tornando-se assim, um agente facilitador no processo de alfabetização, o que nos atesta a potência dessa prática alfabetizadora. As crianças levando o pensado criticamente na escola para a vida cotidiana em família, cria com isso meios capazes de pensar criticamente os assuntos da própria vida. O que afetou o grupo de alunos(a) na escola, os moveu criticamente ao ponto de levar esse pensamento e o conhecimento para suas famílias, isso está nos estudos de Walter Koah:

[...] “desaprender” o que se sabe e buscar abrir-se ao que não se sabe, ao que se pode aprender, ao que um outro pode ensinar, qualquer que seja a sua idade. Deixar de pensar o ensinar e o aprender como duas ações ligadas por um nexo causal, como se alguém aprendesse o que um outro ensina e como se fosse possível antecipar o que é que esse outro vai aprender. (2007, p. 19)

Viver a vida de forma orgânica possibilita aprender sempre e desaprender também, isso é vida! Estamos vivos.

4 I PARA CONTINUAR EM PROCESSO...

Estar vivo após esses dias, meses e anos tão difíceis e, por ventura, até mesmo improváveis, talvez nunca antes imagináveis, equivale hoje o retorno à realidade escolar de forma presencial com toda a vontade do mundo, do mundo da criança. Isso para entender que vale a pena viver como uma delas, viver buscando entender a vida a cada instante e encontrando sentido em cada *pequenagrande* descoberta do viver e da alfabetização nessa classe de 1º ano escolar. A vida na sua essência foi o pretexto para a codificação e decodificação do mundo letrado, mas sobretudo para o mundo ao qual vivemos. Nós, seres humanos, somos parte deste mundo, deste Planeta Terra tão especial, tão querido, que é a nossa casa. Precisamos cuidar da nossa casa: entendê-la, limpá-la, harmonizá-la. Assim quem sabe estaremos cuidando de nós mesmos. Que a beleza das descobertas desse ano letivo multiplique-se em atos de amor ao mundo e a si mesmo. Estamos vivos para amar e sermos amados, esperando que as palavras ditas possam agora ser também escritas e lida nessa roda de conversas que é a vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

CORSINO, Patrícia. **Infância, linguagem e letramento: Educação Infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. 2003.314f. Tese (Doutorado em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas) PUC-Rio, 2003.

ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 39a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.